

# ATARAXIA

MAURO POMMER



## ATARAXIA, OU A POTÊNCIA DA ESCRITA E DA CINEFILIA

Uma manhã, abri meu e-mail e vi uma mensagem de alguém que conheço há bastante tempo e há muitos anos não vejo pessoalmente. Era, caro leitor, Mauro Pommer, autor deste romance que é apresentado agora a você nesta bela edição impressa, me convidando a ler o mencionado romance — e, eu, gostando da proposta (disse ele) e (agregando eu) tendo algo a dizer da minha parte —, a assumir a tarefa de escrever o prefácio. Pommer, de prenome meu xará, contou-me há um tempo através de um outro e-mail (procedimento que substituiu as cartas, sem conservar a mesma “aura” das trocas epistolares) que ele, agora aposentado da universidade, estava dedicando seu tempo a escrever ficção: roteiros, contos, romances.

Permita-me o leitor fazer um pequeno salto ao passado. Nos conhecemos Pommer e eu, eu e Pommer, em congressos de cinema que frequentávamos durante os anos dois mil: ele representando a Universidade Federal de Santa Catarina, eu, representando duas universidades privadas sediadas na cidade de São Paulo. Acredito que nunca coincidimos em grupos de trabalho nos tais congressos, mas assistimos eventualmente às comunicações de um e outro e lemos nossos textos acadêmicos nas revistas e coletâneas de tais encontros. Sempre houve uma afinidade intelectual e cinéfila subentendida e nunca manifesta de forma expressa, sepultada pelo rigor e pelas formalidades acadêmicas. Afinidade que surgiu num café, num almoço ou numa roda de chopes após as intensas jornadas deste tipo de encontros científicos.

Qual foi minha surpresa ao me deparar, tempos atrás, com a seriedade e a garra com que meu velho colega cinéfilo tinha abordado seu novo trabalho, e ao constatar, ao ler um roteiro de sua autoria que enviou pelo correio (chamado de *À Espera do Mestre*), que havia ali, nessas páginas, uma visão original e sensível sobre o Brasil contemporâneo, uma proposta dramatúrgica que fugia de regionalismos

e formas literárias típicas da cultura brasileira. *À Espera do Mestre*, parente próximo deste romance *Ataraxia*, apresentava uma seita, rituais iniciáticos extremos e um mestre carismático, dono de um profundo conhecimento de religiões e práticas espirituais radicais.

*Ataraxia*, caro leitor, romance de estreia de Pommer, apresenta assuntos e questões próximos ao roteiro acima descrito. Aqui também há uma seita ou uma agrupação de cunho religioso e espiritual, aqui também há rituais estranhos, aqui os personagens integram esse grupo para obter poderes que os simples mortais não possuem. Esta estreia no campo literário e no formato romance se apresenta à primeira vista em forma de roteiro cinematográfico, gerando certa surpresa. Basta a leitura de umas poucas páginas para perceber que esta forma cinematográfica é só aparente e que existe um projeto forte de literatura. Por que digo aparente? Porque *Ataraxia* deve mais à literatura do que parece: é nas rubricas do texto, caro leitor, ou seja, nas descrições das ações, dos estados de ânimo e dos pensamentos dos personagens; é nessas rubricas extensas, onde o autor transita com maestria de um estilo objetivo que é sim o de um roteiro de cinema, para descrições de pensamentos e sentimentos dos personagens que, em tese, não teriam uma tradução imagética fácil, ou seja, não poderiam ser filmados assim como descritos, que o autor propõe uma trama de ficção criativa e vertiginosa que faz do texto um deleite. Porque *Ataraxia* é um texto de leitura prazerosa, vertiginosa, e por que não dizer, divertida. Um texto que realiza uma clara homenagem ao *Drácula* de Bram Stoker, à literatura gótica e aos filmes do gênero de terror. A alusão ao *Drácula* e ao vampirismo percorre todo o texto, comentada pelas personagens e na própria história narrada.

O começo do romance apresenta um assalto a caixas eletrônicos numa cidade do interior do Paraná, uma referência ao mundo do crime contemporâneo brasileiro, ao exibir a ação de um grupo de assaltantes, explosões, carros grandes, armamentos e bandos de criminosos vestidos de preto, usando capas e máscaras. Há aqui a combinação de

uma pesquisa documental, numa ação que perfeitamente poderia ser exibida num telejornal, com alusões explícitas ao conjunto de filmes do universo do crime, ao repertório do cinéfilo e conhecedor da história do cinema que é Mauro Pommer. Pois a este Mauro que escreve o presente prefácio, tais cenas iniciais o fizeram também lembrar filmes como *Caçadores de Emoção (Point Break, 1991)*, de Kathryn Bigelow, que narrava como um bando de surfistas assaltava bancos usando máscaras de ex-presidentes dos Estados Unidos. A contundência das imagens, as explosões, tiros e carros poderosos, a violência das mortes e do sangue que se espalha, mais a quebra de tom que se estabelece quando um dos assaltantes come notas ensanguentadas e se lambuza nessa refeição atípica, anuncia já de partida, em apenas uma página extraordinariamente bem escrita, uma proposta literária que combina diversos gêneros (policial, horror, ficção científica) com a competência de um cinema pós-moderno que tem suas origens nos anos oitenta.

Paradoxalmente ou não, esses assaltantes são membros de uma seita dependente de uma droga criada em laboratório, que, além de estimular essa prática “anticapitalista”, dá habilidades físicas extraordinárias, evocando aqueles poderes dos heróis da Marvel. Poderes que surgem da ampliação e extensão das capacidades humanas, gerados a partir de um misterioso fármaco. Não há como não pensar nesta droga criada e pensada por Pommer como uma eventual alegoria aos antidepressivos, às pílulas que solucionam problemas sexuais, a remédios utilizados pela psiquiatria. O ser humano é mestre em buscar caminhos curtos, de mínimo esforço, para solucionar a complexidade e dificuldade de viver e existir neste mundo imperfeito.

A ligação com Drácula e o vampirismo, com um laboratório que experimenta fármacos perigosos para o ser humano, traz cientistas sem escrúpulos, laboratórios criadores de remédios mágicos, que provocam mudanças radicais de comportamento e efeitos adversos ainda não estudados... Trata-se de um mundo contemporâneo onde as pessoas buscam apenas solucionar seus problemas a curto prazo, sem o

menor projeto coletivo. Drácula e também Frankenstein. Cinema das primeiras décadas do século XX, expressionismo alemão, Fritz Lang e Friedrich Murnau. Cidadãos zombies, vampiros de cédulas de reais, grupos que se acham fora da lei e das regras da sociedade; cidades do interior não mais depositárias de certa inocência, tradição e caipirice, mas onde até operam seitas que se isolam da sociedade e criam suas próprias regras de funcionamento não aplicáveis à sociedade como um todo. Eis aqui a grande sacada de Mauro Pommer no seu romance *Ataraxia*: no Brasil contemporâneo não há mais um projeto nacional, um projeto para toda a sociedade, mas apenas o salve-se quem puder, somente vestígios de um país que teve um certo grau de união nacional e princípios comuns, rastros de um passado idealizado. A partir da região sul do Brasil, Pommer apresenta um país de fortes semelhanças com os Estados Unidos. Um país de massas, de mais de duzentos milhões de habitantes, onde é forte o anonimato e a vida guiada pelo consumo e o domínio da matéria, com um cotidiano capitalista difícil e competitivo. Neste país de grande território, grandes meios de comunicação, cidades sem projeto urbano, falta de espaço público, esses grupos sectários e suas práticas radicais, rituais extremos e líderes carismáticos preenchem um vazio enorme, oferecem uma salvação, uma via de escape aos milhões de brasileiros que hoje lutam pela sobrevivência e buscam sentido numa vida cada vez mais anônima, materialista, imediatista e sem sentido.

Pesquisei outras produções de Pommer e percebo seu projeto criativo que abraça a ficção com enorme liberdade e potência criativa. *Ataraxia* se destaca pela inventividade e criatividade de sua ficção, pela soltura com que muda os tons e transita entre os gêneros, pela falta de parcimônia com que navega entre o drama e o humor, entre a aventura, a alegoria política e a metaficção.

Não sei, caro leitor, se voltarei a encontrar pessoalmente Mauro Pommer em congressos universitários ligados à área cinematográfica. Como já contei, ele se aposentou da universidade e está dedicado à

escritura de ficção. Possivelmente esse encontro aconteça em eventos ligados à literatura e/ou à dramaturgia teatral. Desde já antecipo uma longa, longa refeição de conversa entre os dois Mauros. Uma longa, extensa, apaixonante, refeição literária. Fica o convite, caro leitor, a participar, desde já, desta festa literária e viagem ficcional que é o romance de estreia de Mauro Pommer, meu xará.

*Mauro Baptista Vedia*

*Realizador cinematográfico e diretor teatral;  
professor de Direção Cinematográfica na Unespar.*

## 1. RUA DE CIDADE PEQUENA. EXTERIOR. DIA

As cenas 1, 2 e 3 funcionam como um PRÓLOGO, antes dos créditos de abertura. Esta primeira, retrata um assalto em caixas eletrônicos numa cidade do interior do Paraná. Na primeira imagem da cena, um ZOOM LENTO sobre a fachada de uma agência bancária, até que um conjunto de explosões nas máquinas dos caixas eletrônicos enche de fumaça o ambiente, enquanto detritos voam em todas as direções. Vê-se em plano geral a rua, da qual o quarteirão onde o banco se situa foi isolado por outros membros da quadrilha, os quais atravessaram carros interrompendo o trânsito e portam fuzis. Nesse momento, um SUV preto blindado surge de surpresa em alta velocidade e rompe o cerco subindo na calçada; de suas janelas são despejadas granadas de fragmentação e de fumaça, provocando um imenso e terrível caos, desarticulando o cerco organizado pela quadrilha. Do SUV saem três indivíduos vestidos de preto, com longas casacas e mascarados, portando metralhadoras. Com requintadas ações táticas, matam os assaltantes que estão na agência terminando de colocar dinheiro em grandes sacolas, e com fogo cerrado mantêm à distância aqueles que não sucumbiram às explosões de granadas. Os recém-chegados são hábeis ladrões que roubam ladrões. As sacolas de dinheiro já estão quase cheias, mas várias cédulas ainda restam espalhadas pelo chão, em meio ao caos e à pressa da primeira quadrilha para fugir. Algumas dessas notas remanescentes têm espirros de sangue dos assaltantes alvejados. De forma inesperada e assombrosa, em meio ao tiroteio um dos indivíduos vestidos de preto pega calmamente algumas dessas notas ensanguentadas, levanta parcialmente sua máscara tipo balaclava, e as come. Então, mostrando-se deliciado e tranquilo em meio ao ininterrupto tiroteio, pega algumas outras notas espalhadas e as embebe no sangue de um assaltante morto – como se fosse ketchup –, e também as devora, lambendo os beiços. Os outros dois de preto, ainda dentro da agência bancária, de forma intercalada com os disparos de metralhadora o imitam, fazendo murmúrios de satisfação pelo “banquete”.

Pegam as sacolas de dinheiro e saem do banco, mantendo fogo cerrado de metralhadoras contra os demais bandidos que, intimidados e atônitos frente à superioridade do fogo dos novos assaltantes, protegem-se e desistem de tentar recuperar o butim. Os três de preto entram com as sacolas em seu veículo blindado e arrancam em fuga frenética, enquanto seu SUV é alvejado diversas vezes, mas sem consequências.

## **2. AEROPORTO DE CURITIBA. INTERIOR. NOITE**

Os diálogos desta segunda e da terceira cena do prólogo não são ouvidos; a câmera guarda uma certa distância dos personagens, e apenas de sua mímica se depreende o que está se passando, tal como na cena anterior. Um mesmo tema musical percorre as três cenas iniciais, com a música em alto volume, indicando tratar-se de três situações apresentadas de aspectos correlacionados de um mesmo fenômeno. No aeroporto, um homem vestido de preto, com casaca, tal como os assaltantes da cena anterior, e usando chapéu também preto, aguarda sua vez de embarcar na fila para um voo internacional. Ao passar pela verificação de segurança, um dos agentes estranha o volume das roupas que o homem veste, e o conduz a uma cabine para averiguação. Lá, descobre-se que ele traz notas de dinheiro escondidas na roupa: nos bolsos, meias, cueca, cinturão sob a camisa. O agente diz ao homem de preto que aguarde ali para que um flagrante seja lavrado. Sai da cabine e vai chamar um colega. Esse colega está concluindo o exame de uma bagagem para liberá-la, e demora-se alguns instantes. Em seguida vão os dois agentes de volta à cabine; nela, o homem de preto está com uma expressão faceira, pois o dinheiro – prova do crime de tentativa de contrabandear divisas – sumiu por completo. Ele então limpa um fragmento de cédula do canto da boca, e dá um arrote. Sorri para os dois agentes, alegre, e faz um tique nervoso com a bochecha.

### 3. RUA POUCO MOVIMENTADA. EXTERIOR. DIA

Numa rua de Curitiba, um cidadão despreocupado está chegando próximo a seu carro estacionado; após destravar as portas enquanto caminha, segue lendo no celular, intrigado, uma notícia bizarra sobre agentes de segurança do aeroporto que alegam, sem provas, terem tentado deter um homem que comera o dinheiro não declarado com que tentava embarcar para o exterior. Ri do absurdo da coisa. Quando vai abrir a porta do carro, um marginal o aborda se aproxima dele com uma faca na mão, e o encurrela contra o veículo. O cidadão, atordoado com a súbita abordagem, apressa-se a entregar o celular, mas o assaltante diz que quer a carteira dele, enquanto exhibe um insistente tique nervoso com a bochecha. Quando a carteira é entregue, o assaltante rapidamente tira dali notas de dinheiro, as põe na boca, mastigando, e sai correndo. Nem toca no celular. O cidadão observa essa atitude, pasmo. Assim que o assaltante se afasta, começa a dedilhar freneticamente uma mensagem em seu celular. Enquanto corre, no rosto do assaltante há um ar de felicidade. IMAGEM CONGELA; em FUSÃO com imagem congelada do assaltante surge SLIDE em letras brancas sobre fundo preto com uma definição de ATARAXIA: “*Do grego Ataraktos = calma. Na filosofia estoica e também na epicurista, ataraxia designa o estado de felicidade. Isso corresponde a não deixar-se perturbar pelas paixões ou atribulações da vida, e alcançar a paz*”. Após alguns instantes, a definição se esvai e resta na tela apenas o título: ATARAXIA.

### 4. FACHADA DE CLÍNICA MÉDICA. EXTERIOR. DIA

O título ATARAXIA surge em FUSÃO sobre imagem da fachada de uma clínica particular luxuosa, situada em meio a um bosque, fora da zona urbana de Curitiba. Um LENTO MOVIMENTO DE ZOOM vai aproximando a porta de entrada da clínica, enquanto rolam os CRÉDITOS INICIAIS do filme.

## 5. CLÍNICA MÉDICA. INTERIOR. DIA

Enquanto prosseguem os CRÉDITOS INICIAIS, vê-se o interior do prédio, onde enfermeiros/as sorridentes caminham e executam alegremente suas tarefas, traulitando canções. Eles atuam de forma rítmica e de modo bem coordenado. Tem-se a impressão de estarmos em um filme musical. Uma ENFERMEIRA, em particular, segue alegre pelo corredor até uma porta; dá duas pancadinhas e abre. HERMAN, 26 anos, está sentado na cama, vestido com um traje hospitalar.

ENFERMEIRA

Você chamou?

HERMAN

Preciso urgente de algum calmante. Não estou conseguindo parar quieto.

ENFERMEIRA

Vou ver com o médico.

Enfermeira sai. Herman fica sacudindo a perna, enquanto manifesta um tique nervoso com a bochecha. Depois caminha de um lado para o outro do quarto, e digita uma mensagem no celular.

## 6. APARTAMENTO. INTERIOR. DIA

LÚCIA, 20 anos, irmã de Herman, está na sala em frente à TV, acompanhando um clipe de funk, rebolando para imitar a coreografia. Sobre a mesinha de centro seu celular emite sinal de chegada de mensagem: é seu irmão Herman, pedindo-lhe que venha imediatamente à clínica para buscá-lo. Ela fica surpresa, e liga para ele.

LÚCIA

Que foi, Herman?

HERMAN (*voz ao telefone*)

Eu não estou legal, Lúcia... Você precisa vir aqui me pegar agora mesmo!

LÚCIA

Tá, eu vou ver se a mãe me deixa usar o carro!

## 7. QUARTO DA CLÍNICA. INTERIOR. DIA

Herman, no quarto da clínica, concluindo a ligação telefônica com a irmã. Ele está totalmente atônito, com ar paranoico.

HERMAN

Vê se não demora!

O MÉDICO, 55 anos, entra. Ele fala com forte sotaque da Europa Central, de forma até caricata, à maneira do ator húngaro Bela Lugosi nos filmes de Drácula.

MÉDICO

Aqui está o seu **callmante**. O que foi, **Herrmann**?

HERMAN

(*toma o calmante*)

Eu estou... Não sei... Eu preciso... Vou pra casa.